



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JOSEANY VIEIRA DE ARAÚJO

**A RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO CANÇÃO PARA O GÊNERO CONTO: UMA
PROPOSTA METODOLÓGICA PARA UMA TURMA DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS-PB

2017

JOSEANY VIEIRA DE ARAÚJO

**A RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO CANÇÃO PARA O GÊNERO CONTO: UMA
PROPOSTA METODOLÓGICA PARA UMA TURMA DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**Monografia apresentada ao Curso de Letras
– Licenciatura em Língua Portuguesa da
Unidade Acadêmica de Letras do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande.**

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

A659r Araújo, Joseany Vieira de.
A retextualização do gênero canção para o gênero canto: uma proposta metodológica para uma turma do 6º ano do ensino fundamental / Joseany Vieira de Araújo. - Cajazeiras, 2017.
45f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Linguística textual. 2. Gêneros textuais. 3. Textos orais. 4. Textos escritos. 5. Retextualização. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'42

JOSEANY VIEIRA DE ARAÚJO

**A RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO CANÇÃO PARA O GÊNERO CONTO: UMA
PROPOSTA METODOLÓGICA PARA UMA TURMA DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 03/05/2017

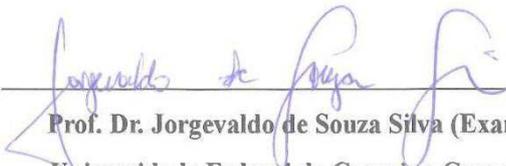
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva (Examinador 1)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva (Examinador 2)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar a Deus, que me permitiu chegar até aqui, ajudando a superar as atribuições que passei durante esse período, a minha Família que, de algum modo, me incentivaram e acompanharam a minha jornada, ao meu marido Filipe pela eterna paciência, e a todos que de algum modo entenderam meu cansaço e minhas preocupações. Meus mais eternos agradecimentos.

Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro a Deus, que me iluminou durante toda minha caminhada, com amor e proteção, sempre me mantendo firme e forte em meus desejos e objetivos, toda honra e glória a ti senhor.

Aos meus pais, por me apoiar, me ajudar e sempre acreditar em mim.

Aos meus irmãos e à minha irmã Wlyany, pelo apoio, e por serem uma das minhas fontes de maior alegria, amizade e amor.

Em especial ao meu esposo, Filipe, pelo apoio, amor e paciência.

Aos amigos e parentes próximos, pela compreensão do meu isolamento durante alguns momentos de dedicação na fase final deste trabalho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira, por seu apoio, carinho, profissionalismo, paciência e amizade.

Aos colegas e às colegas de turma de Letras, por compartilharmos saberes, angústias e pela oportunidade da convivência.

Aos professores Abdoral e Jorgevaldo. por terem aceito o convite, dispondo do tempo e conhecimento para analisar este trabalho.

Ao PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), pelo conhecimento adquirido durante esta jornada, que só me enriqueceu ainda mais. Em especial a coordenadora Profa. Dra. Rose Leite, pelo apoio e paciência.

Finalmente, agradeço a todos os demais aqui não citados nesta lista de agradecimentos, mas que de alguma forma contribuíram, na minha na minha jornada acadêmica e na pessoa que eu sou. Obrigada!

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho apresenta um breve estudo sobre a linguística textual e sua contribuição para a construção do texto, até os dias de hoje. Assim como a importância do gênero textual, como suporte no processo de retextualização. Os gêneros aqui são abordados como instrumentos fundamentais, que servem para a atividade comunicativa, realizada pelos falantes da língua em suas práticas do dia a dia. Tem como aporte teórico os estudos de Marcusch (2008),(2010), Antunes (2010), Koch (2013), através de uma abordagem qualitativa, que faz ênfase aos estudos dos gêneros textuais, para a construção de textos orais e escritos, e de atividades que resultaram no processo de retextualização. Objetivamos trabalhar a passagem de um texto base de modalidade oral para outro texto final de modalidade escrita. Através de diferentes gêneros, que mostram a relação entre fala e escrita, ou seja, sua duplicidade no processo comunicativo do falante, que apesar de suas especificidades, o falante necessita das duas modalidades para se comunicar. Este processo de retextualização permitirá aos usuários identificar as semelhanças e as diferenças existentes no texto falado quando retextualizado para um texto escrito. Para uma melhor compreensão sobre a construção de textos, poderemos propor a alunos do 6º ano, uma prática da retextualização de um texto oral para um texto escrito, tendo por base o gênero canção a ser transformado em uma contação de história, atividade metodológica do gênero conto.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Textos orais e escritos. Retextualização.

RESUMEN

Este trabajo presenta un breve estudio sobre la lingüística textual y su contribución a la construcción del texto, hasta los días de hoy. Así como la importancia del género textual, como soporte en el proceso de retextualización. Los géneros aquí son abordados como instrumentos fundamentales, que sirven para la actividad comunicativa, realizada por los hablantes de la lengua en sus prácticas del día a día. (2010), Antunes (2010), Koch (2013), a través de un enfoque cualitativo, que hace énfasis en el estudio de los géneros textuales, para la construcción de textos orales y escritos, Y de actividades que resultaron en el proceso de retextualización. Objetivamos trabajar el paso de un texto base de modo oral a otro texto final de modalidad escrita. A través de diferentes géneros, que muestran la relación entre habla y escritura, es decir, su duplicidad en el proceso comunicativo del hablante, que a pesar de sus especificidades, el hablante necesita las dos modalidades para comunicarse. Este proceso de retextualización permitirá a los usuarios identificar las similitudes y las diferencias existentes en el texto hablado cuando retextualizado para un texto escrito. Para una mejor comprensión sobre la construcción de textos, podremos proponer a alumnos del sexto año, una práctica de la retextualización de un texto oral para un texto escrito, teniendo como base el género canción a ser transformado en una cuenta de historia, actividad metodológica del género Cuento.

Palabras clave: Géneros textuales. Textos orales y escritos. Retextualización.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Diagrama 1	- Fluxo de ações.....	20
Diagrama 2	- Nove operações textuais-discursivas na passagem do texto oral (base), para o texto escrito (retextualizado).....	21
Quadro 1	- Possibilidades de retextualização.....	17
Quadro 2	- Variáveis entre as duas modalidades: fala e escrita.....	19
Quadro 3	- Observação dos gêneros na relação F-E.....	25
Quadro 4	- Gêneros Previstos para a Prática de Compreensão de Textos.....	26
Quadro 5	- Gêneros Previstos para a Prática de Produção de Textos.....	26
Quadro 6	- Texto 1: Gênero Canção.....	34
Quadro 7	- Questionário utilizado como apoio para a interpretação do texto oral: Gênero canção.....	35
Quadro 8	- Texto 2: Gênero Conto.....	36
Quadro 9	- Exemplo do texto 1.....	38
Quadro 10	- Exemplo de Texto 2.....	39
Quadro 11	- Gênero Canção texto 3.....	40
Tabela 1	- Estrutura composicional do gênero conto.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - O TEXTO: UM INSTRUMENTO NORTEADOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM	13
1.1 Linguística Textual	14
1.2 Retextualização.....	16
CAPÍTULO II - O GÊNERO TEXTUAL NO ENSINO DA LINGUA	22
2.1 Gêneros Textuais: oralidade e escrita	24
2.1.1 Gênero Canção.....	27
2.1.2 Gênero Conto.....	28
2.1.2.1 A Contação de História.....	30
CAPÍTULO III - UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA ATRAVÉS DA RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO CANÇÃO PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	32
UNIDADE 1 - Gênero canção e conto e o processo de retextualização.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Os estudos que nortearam esta pesquisa visam apresentar alguns eixos que servirão como aporte teórico para a construção do texto. Para isso destacamos a importância, conceitos e características da Linguística Textual dos Gêneros Textuais e do Processo de Retextualização que acompanham este procedimento, de modo que os usuários da língua possam entender a complexa engrenagem que há em uma produção textual.

O interesse pelo trabalho com gêneros surgiu a partir das experiências vivenciadas no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), após o contato com a sala de aula que nos fez refletir qual seria a melhor maneira de trabalhar a produção textual, para que de fato, os alunos, obtivessem um aprendizado satisfatório. Esta experiência, compartilhada com outros colegas bolsistas da área, nos permitiu compreender que o trabalho com os gêneros textuais seria a melhor estratégia.

Tendo em vista as cobranças da sociedade, para com os usuários da língua, podemos dizer que os professores, como seus mediadores, devem disponibilizar atividades de produções textuais, com os mais variados gêneros, tendo como objetivo formar alunos com proficiência na sua língua materna, tanto na modalidade oral como escrita, para que possam interagir de forma plena na sociedade. Desse modo fica claro o papel da escola como mediadora da formação de sujeitos letrados, capazes de atuarem na sociedade de forma crítica e ativa como cidadãos.

Em primeira instância voltamos os nossos estudos para a Linguística Textual, que tem como objetivo principal investigar o texto, durante sua construção, já que é através dele que o usuário da língua se comunica. Portanto, é na comunicação que a linguística textual age, para que o falante construa um texto com coesão e coerência, de modo que o leitor, ou público alvo da mensagem possa entender o que foi dito, ou seja, possa compreender o texto.

Logo após abordaremos os estudos dos Gêneros Textuais que sem eles seria impossível trabalhar os textos. Nesta perspectiva tomamos por base os estudos de Marcuschi (2008), que diz que: muitas vezes fazemos uso dos gêneros sem identificá-los, ou seja, nós usuários da língua, na maioria de nossas práticas diárias utilizamos gêneros, mas não os conhecemos. Para que isso não aconteça é necessário que os produtores do texto, conheçam e identifique-os e saibam utilizá-

los nos diferentes contextos sociais em que se encontram perante a sociedade, agindo como sujeitos proficientes da linguagem comunicativa.

Outra instância que será abordada é o processo de retextualização, visto esta ação como uma forma de aprimorar os conhecimentos dos discentes e usuários da língua. Neste contexto entendemos que a construção de um texto se dá a partir de outros textos bases, sejam eles da modalidade oral ou escrita. Dessa forma, a retextualização ocorre do oral para o escrito, do escrito para oral, etc, dentro de um mesmo gênero, ou através da mudança para outro gênero textual, desde que a temática permaneça a mesma, podendo ser acrescida por outras informações que o usuário da língua utiliza através dos seus conhecimentos prévios.

Nesta perspectiva o objetivo geral deste trabalho é conhecer o processo de retextualização para assim apresentar uma proposta de atividade na modalidade oral para escrito, tendo por base o gênero canção que será retextualizado para o gênero conto. Como objetivos específicos, queremos argumentar sobre a importância da linguística textual neste processo e refletir sobre o papel dos gêneros textuais para o aprimoramento do domínio da língua materna.

Como aporte teórico para embasamento discursivo da pesquisa utilizamos principalmente os trabalhos de MARCUSCHI (2010), ANTUNES (2010), KOCH (2013) entre outros. Enquanto a Metodologia é uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, que utilizou livros, artigos escritos e virtuais entre outros meios com a intenção de conhecer mais profundamente as teorias que norteiam as temáticas aqui tratadas. Esta apresenta uma abordagem sobre a construção do texto na ótica da Linguística textual, tendo como critérios a sua origem, conceitos de texto e seu processo de compreensão tanto na modalidade escrita como na oral.

O trabalho está distribuído em três capítulos, em que no primeiro apresentamos a Fundamentação teórica que se refere ao trabalho com o texto, partindo do ponto de vista da Linguística Textual e da retextualização na perspectiva de Marcuschi (2010). No segundo tratamos do Gênero textual, enfatizando o gênero canção e conto que serão trabalhados no processo de retextualização e a contação de histórias que servirá de suporte metodológico para a proposta de intervenção pedagógica aqui apresentada.

Enfim, no terceiro capítulo, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica, através de um processo de retextualização, a ser aplicada a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

Esperamos poder contribuir, com esta pesquisa, para que o trabalho com os gêneros textuais cada vez mais se tornem uma prática comum a ser utilizada em sala de aula, afim de que nossos alunos possam conhecer um número sempre maior desses gêneros que circulam nos mais variados textos utilizados no nosso dia a dia e também nas escola.

CAPÍTULO I - O TEXTO: UM INSTRUMENTO NORTEADOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

[...] em qualquer língua, e em qualquer situação de interação verbal, o modo de manifestação da atividade comunicativa é a textualidade ou, concretamente um gênero de texto qualquer. Daí que nenhuma ação de linguagem acontece fora da textualidade. (ANTUNES, 2010, p. 29).

Para Antunes (2010) os falantes durante suas práticas de discurso estarão sempre produzindo um texto, ou seja, todas as nossas atividades de linguagem são definidas como partes funcionais do texto.

Necessariamente não existe não texto, por mais que encontrarmos situações de linguagem, mesmo que fora dos padrões da norma culta, estes por sua vez, através da fala, escrita e da intencionalidade dos seus usuários, em situações de comunicação, serão sempre textos. Portanto, o falante quando precisa dar um conselho, ou expressar alguma comunicação, ele recorre a um texto, tenha ou não noção disso. Dessa forma podemos dizer que todo texto acontece a partir de algum propósito comunicativo.

Segundo Marcuschi (2012) o texto é definido como uma unidade concreta, atual, e de uma ocorrência comunicativa. Nesta perspectiva fica claro que qualquer usuário que interaja com algum propósito comunicativo, seja este de modalidade oral ou escrita, está construindo um texto.

Antunes (2010) diz que o usuário da língua, sempre que produz um texto, procura adaptá-lo, conforme a necessidade de seu locutório, porque para ele o seu leitor é o principal foco, portanto o importante é fazer com que ele entenda o que foi dito.

É neste aspecto que os mediadores do ensino da língua estão preocupados em atender às necessidades de seus usuários, por isso o texto deve ser trabalhado através de uma orientação, realizada pelo professor, em que ele possa abordar a temática do texto, que pode ser construído a partir de tema, tópico e ideia central, pontos que são considerados fundamentais para a produção de um texto.

Enfim, para trabalharmos a linguagem utilizamos textos orais e escritos, pondo os alunos em eventual prática de interação em sala de aula, possibilitando a ele uma formação para atuarem como sujeitos críticos e participativos na sociedade em que estão inseridos.

1.1 Linguística Textual

A Linguística Textual tem como objetivo principal, investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão no que diz respeito ao texto e ao contexto, logo ambas estão interligadas de acordo com a intenção do falante.

Segundo Fávero e Koch (2005) a Linguística textual começa a se desenvolver na Europa na década de 60, e a partir daí seus estudos tem como objeto de investigação, não mais a palavra e a frase, mas o texto, ampliando assim as manifestações da linguagem.

Conte (1977 apud FÁVERO & KOCH,2005) destaca três momentos fundamentais para a passagem da frase para o texto: O da análise transfrástica, o das construções das gramáticas textuais e a construção das teorias de texto.

O primeiro momento, conhecido por transfrástica, está preocupada com as relações que se estabelecem entre as frases e os períodos, de forma que se construa uma unidade de sentido, ou seja, se preocupa com os enunciados, daí então parte em direção ao texto.

O segundo é a construção das gramáticas textuais, possibilitando uma linguagem textual mais compreensiva já em seus enunciados. Estas se preocupam com a construção do texto, ou seja, o falante poderá construir um texto, fazendo uso da verificação, podendo produzir de forma que os leitores possam compreender. Também por uma abordagem transformativa, podendo assim formular para frasear e resumir, e por meio da abordagem qualitativa, em que os mesmos podem reconhecer os textos e tipificá-los: narração, descrição e argumentação.

Já nas teorias de texto, o falante deve investigar a construção, compreensão e o funcionamento do seu texto, ou seja, neste momento, deve dar importância aos textos no contexto pragmático, tendo presente a intencionalidade do seu texto, que estuda além da construção da frase (sintaxe), e do seu significado (semântica), estuda os objetivos da comunicação.

A definição de linguística segundo Marcuschi (2012, p. 12) propõe “[...] que se seja a linguística do texto, mesmo que provisória e genericamente, como os estudos das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”.

Para o estudioso, a linguística está voltada para a organização do texto, seja ele oral ou escrito, visto isso como uma maneira de organizar os aspectos textuais,

possibilitando ao falante uma base para mediar seu discurso. Sendo assim, Dionísio e Marcuschi (2007) defendem que é através da fala, que designamos as formas orais do ponto de vista do material linguístico e de sua realização textual-discursiva, enquanto que a escrita é usada para designar o material linguístico da escrita. Sendo assim, é necessário considerar outros sistemas semióticos e a sua contribuição para compor o texto.

Nesse contexto, a linguística textual vai muito mais além do que uma junção de frases, ou seja, para que o leitor possa diferenciar o texto coerente de um aleatório de palavras, é necessário que o falante, tenha capacidade específica em sua competência textual, para que assim o mesmo possa parafrasear, construir um texto, e perceber o que realmente é necessário para a sua construção, de modo que o mesmo seja preparado para situações textuais do dia a dia.

Deixando claro que palavras aleatórias juntas sem intencionalidade não constituem um texto. E para que um conjunto de palavras possa ser identificado como um texto é necessário segundo Antunes (2010) o uso dos critérios textuais: a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade, a situacionalidade. Esses critérios, por sua vez, darão mais clareza ao que se escreve, de modo que os leitores poderão entender a intenção do texto.

A coesão se preocupa com os recursos gramaticais e lexicais e a forma que se relacionam na construção do texto e no encadeamento de palavras, orações e outros, proporcionando assim a continuidade do texto. No que diz respeito à coerência, seu encadeamento está voltado para o sentido, de modo que ele vai além dos aspectos linguísticos, ou seja, faz uso de elementos que constituem a situação comunicativa.

Segundo Marcuschi (1983 apud KOCH, 2013), os fatores de coesão são os aspectos sequenciais do texto, ou seja, os mecanismos que permitem estabelecer as relações de sentido, entre os elementos linguísticos do texto. Neste caso, o falante durante a construção do seu texto fará uso da ordem gramatical como pronomes, artigos, e recursos lexicais, que permitem uma sequência lógico-semântica entre as partes de um texto.

Já a coerência segundo KOCH (2013) destaca como os elementos abaixo da superfície textual constroem, na mentalidade dos usuários, uma construção de sentidos.

Para a autora, quando falamos de coerência textual estamos nos referindo ao sentido do texto, logo o texto pode ter vários elementos coesivos, e não estar coerente. Por exemplo: “As ruas estão molhadas porque não choveu”.

Se analisarmos o exemplo o texto está escrito normalmente, expondo os elementos de coesão, mas se voltarmos à intenção do falante e fizermos uma leitura logo será notório que o mesmo não tem sentido já que “as ruas estão molhadas” é porque alguém molhou, não há sentido “Porque não choveu”, desse modo podemos destacar a funcionalidade da coerência. Podemos dizer que a coesão é a conexão harmoniosa entre as partes do texto, fazendo a ligação entre as palavras e frases, para que haja uma lógica quando ligado ao outro. Já a coerência é a relação lógica fazendo com que umas complementem as outras, sendo ambas necessárias para a construção do texto.

A intencionalidade, por sua vez, se preocupa em expor no texto apenas o que tem sentido e é coerente, enquanto que a aceitabilidade, admite que o ouvinte se esforce para que possa processar os sentidos e a intenção comunicativa.

A informatividade é tida na construção do texto como o novo, a imprevisibilidade, de modo que possa trazer para o usuário diferentes formas e conteúdos que possam nortear o texto. Já no caso da intertextualidade, é permitida a entrada de outros textos, já em circulação, no texto que está sendo produzido. E finalmente, na situacionalidade encontramos a condição de que o texto aconteça em uma determinada atividade social, já que nenhum texto ocorre no vazio. Antunes(2010, p.34) ainda diz:

[...]proponho, como propriedades do texto, a coesão, coerência, informatividade e intertextualidade. Proponho, como condições de efetivação do texto, a intencionalidade, a aceitabilidade e a situacionalidade. Para justificar essa reordenação, alego que a intencionalidade e a aceitabilidade remetem aos interlocutores e não ao texto propriamente.

Desse modo é perceptível que para construção de um texto é necessário que o falante se imponha no momento do seu discurso, com uma linguagem mais clara, com um único objetivo, fazer com que o seu público alvo, entenda o seu texto, ou seja, a sua proposta comunicativa.

1.2 Retextualização

De acordo com os estudos de Marcuschi (2010) o processo de retextualização acontece através da produção de um novo texto, ou seja, a partir de um texto-base. Para que este processo decorra como se espera, é necessário que o professor, como mediador de seus alunos, durante a apresentação dos textos, mostre que a retextualização não é apenas a reprodução do mesmo texto, mas sim, a construção de um novo texto que pode ultrapassar os seus limites, através dos mais variados tipos e gêneros. Vale salientar que esse processo deve fazer uso dos aspectos linguísticos, para que se tenham subsídios necessários para a compreensão e a produção do texto.

Nesse ponto de vista, retextualizar vai muito mais além de transcrever a linguagem oral para a escrita, porque ela possibilita criar condições para a produção de novos gêneros, desencadeando textos que permitem serem modificados, atendendo assim, as necessidades dos seus usuários.

Segundo Marcuschi (2010) nas atividades de retextualização, para construirmos um novo texto é necessário compreendermos o conteúdo do texto base para não distanciarmos da temática ao construirmos outro texto, como também um conhecimento dos aspectos linguísticos, da interpretação, da coerência, entre outras características que constituem o texto base. Em síntese, só poderemos refazê-lo em outras modalidades, tipologias e gêneros textuais, tendo um amplo conhecimento do que o texto base relata para que o novo texto não fuja da coerência do texto, ou seja, do sentido original.

Nesta perspectiva podemos observar que a retextualização não é necessariamente maquinal, portanto não necessita métodos manuais para ser exercida, pois a passagem da fala para escrita acontece de forma natural, conforme a necessidade discursiva do usuário da língua.

É importante salientar que as atividades textuais de fala e escrita devem mostrar as diferenças encontradas nas duas modalidades, de modo que possamos detectar as transformações nos textos, conhecidas por processo de retextualização.

Observando a fala e escrita e suas combinações, segundo Marcuschi (2010), temos as seguintes possibilidades de retextualização.

Quadro 1 – Possibilidades de retextualização

- | | | |
|------------|-----------|---|
| 1. Fala | → Escrita | (entrevista oral → entrevista impressa) |
| 2. Fala | → Fala | (conferência → tradução simultânea) |
| 3. Escrita | → Fala | (texto escrito → exposição oral) |
| 4. Escrita | → Escrita | (texto escrito → resumo escrito) |

Fonte: Marcuschi (2010, p. 48).

Essas possibilidades são práticas rotineiras, utilizadas pelos usuários da língua, nas suas formas de reformulações do mesmo texto, compondo-se dos mais variados, gêneros e estilos. Para isso é importante ficar claro que tudo que repetimos, ou seja, que já foi dito, pode ser transformado em um novo texto que teve origem em um texto base.

Na primeira possibilidade do processo de retextualização temos a transformação da fala para escrita. Neste ponto podemos abordar exemplos de nossas atividades do dia a dia, como o caso de uma secretária que anota o que seu chefe fala para redigir uma carta. Enquanto que, da fala para a fala, podemos exemplificar com esta mesma secretária que faz anotações de uma reunião para depois expor em outra reunião o que foi abordado.

Exemplos da escrita para a fala, podemos citar o falante que conta para outra pessoa o que leu em uma revista. Já da escrita para a escrita, uma pessoa que escreve para outra o que leu na revista.

Essas possibilidades são práticas corriqueiras do nosso dia a dia que possibilitam aos usuários usufruir da linguagem oral e escrita em suas atividades comunicativas nos mais diversos gêneros.

Tendo em vista as possibilidades de retextualização apresentadas no quadro 1 acima, neste trabalho abordaremos a passagem do **texto falado para o texto escrito**, presentes no processo de retextualização. Para isso partimos da conjectura de que a retextualização não é o mesmo que transcrever somente, porque nesse processo, a pessoa que realiza a transcrição de um texto oral para o escrito, deve escrever detalhadamente tal como foi apresentado o texto original falado, com repetições, ou seja, será feita apenas a passagem de um código para outro. No entanto, Marcuschi (2010) afirma que isso é relativo, porque transcrever já é um primeiro formato de retextualização. Por exemplo, quando fazemos a passagem do

oral para o escrito, havendo a troca do sonoro para um grafema, já perde a estrutura original do texto.

Para o autor há uma diferença entre a transcodificação para a adaptação. No caso da transcodificação se trata de representar a passagem do som para escrita, que significa transcrever uma primeira transformação da escrita da música. Enquanto que a adaptação já é uma preparação para o processo de retextualização, isso porque ela passa por um processo de elaboração que ocasiona perdas e acréscimos.

Destacamos no Quadro 2 que a língua falada e escrita, tem algumas semelhanças e diferenças. Para isso o teórico apresenta algumas variáveis que ocorrem entre as duas modalidades: fala e escrita.

Quadro 2 – Variáveis entre as duas modalidades: fala e escrita

- O propósito ou objetivo da retextualização;
- A relação entre o produtor do texto original e o transformador;
- A relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização;
- Os processos de formulação típicos de cada modalidade.

Fonte: Marcuschi (2010, p. 54).

Levando em conta essas quatro variáveis, podemos dizer que o processo de retextualização, na passagem da fala para escrita, são atividades conscientes, logo, em alguns momentos dessa transformação formas linguísticas são excluídas e outras inseridas ou reordenadas.

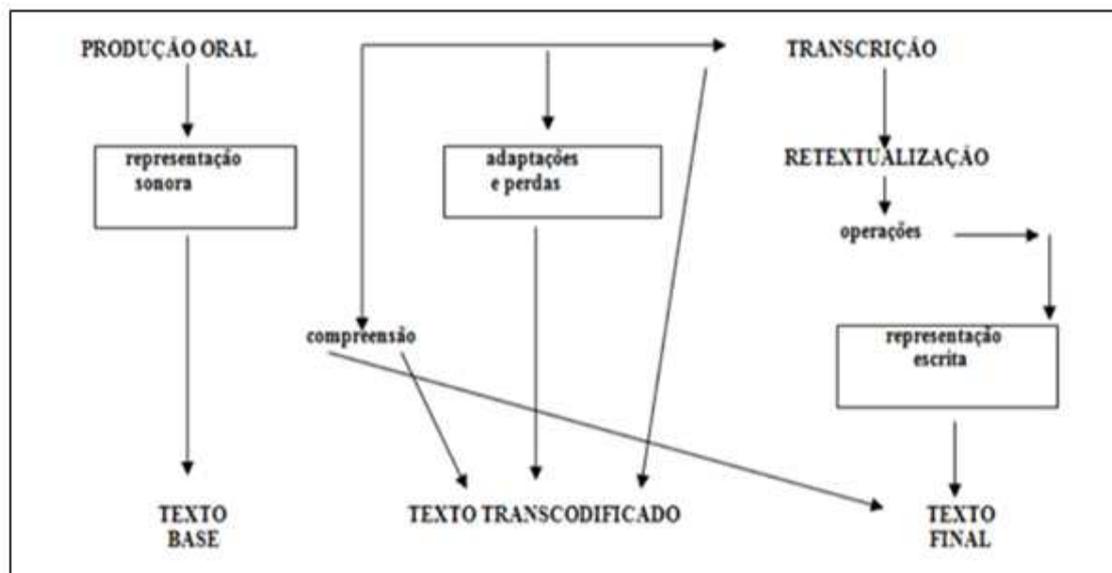
Durante a passagem do texto oral para o escrito, mesmo que o autor transformador do texto faça a escolha da mesma tipologia, a partir do momento em que o mesmo faz a passagem do sonoro para o grafema o texto em si já perde sua originalidade. Desse modo fica visível a necessidade de conhecer o texto base, para que assim possa transformá-lo.

Esse tipo de retextualização passa por um percurso de editoração, em que o texto sofre alterações que podem ser identificadas a partir do conhecimento que o leitor tem do texto base. Durante este processo o produtor do texto deve estar atento ao sentido apresentado no texto original.

Durante o processo de editoração segundo o autor, os usuários dos textos durante suas produções devem levar em consideração as regras de eliminação, e essas, por sua vez devem ser aplicadas aos casos de oralidade que envolvam pausas, repetições, inserções e outras, durante o processo de adaptação para a escrita.

Para uma melhor compreensão desse processo de retextualização, podemos analisar o Diagrama1, que expõe o fluxo das ações durante a produção do novo texto.

Diagrama 1 – Fluxo de ações



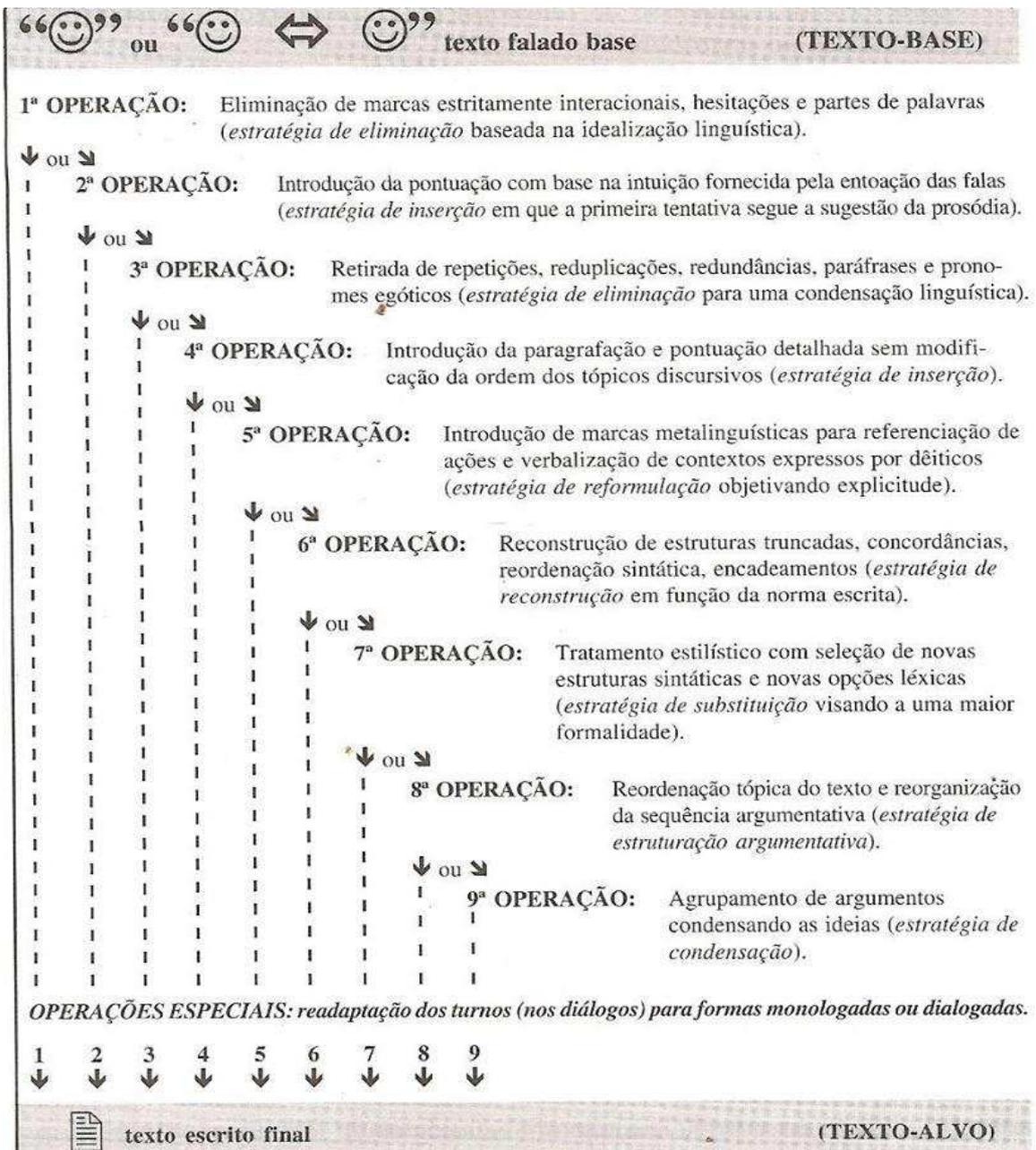
Fonte: Marcuschi (2010, p. 72).

Ainda com base em Marcuschi(2010) neste diagrama temos o desenho do percurso que o produtor terá durante o processo de retextualização que se inicia na produção oral, que é o texto base. Durante este percurso, para que o texto possa chegar a produção final, que é a reescrita, deverá passar por dois momentos, sendo o primeiro o da transcrição, que é o texto escrito, o mesmo passará por adaptações e perdas, tornando-se assim um texto transcodificado, ou seja já é uma primeira editoração do texto.

Em seguida teremos o processo de retextualização, nessa categoria o texto é transcrito novamente, de modo que o produtor do texto possa adaptá-lo a modos e/ou gêneros, sempre prevalecendo à compreensão, do texto base.

Marcuschi (2010) apresenta nove operações textuais- discursivas na passagem do texto oral (base), para o texto escrito (retextualizado). Vejamos o diagrama 2.

Diagrama 2 – Nove operações textuais-discursivas na passagem do texto oral (base), para o texto escrito (retextualizado).



Fonte: Marcuschi (2010, p.75).

Essas ações citadas no diagrama (2), embora sejam bastante diversificadas, segundo o autor, elas conduzem a uma pequena idealização linguística.

As mesmas trabalham em conjunto em que, cada uma tem sua função com o propósito de editar o texto a ser retextualizado, eliminar as hesitações, pontuá-lo, fazer introduções de parágrafos conforme a necessidade do texto, reconstruir a estrutura de acordo com o gênero trabalhado, e por fim reordenar as ideias do texto.

CAPÍTULO II - OGÊNERO TEXTUAL NO ENSINO DA LINGUA

O estudo dos gêneros textuais deu-se no início no século XX, e desde então é usado pelo falante, tanto no discurso falado como escrito. Segundo Marcuschi (2008) os gêneros são abordados na comunicação em etnologia, sociologia, antropologia, retórica e na linguística, sendo este último, o que abordaremos nesta pesquisa. Na perspectiva de Marcuschi (2008).

[...]é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isto porque toda manifestação verbal se dar sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. (MARCUSCHI, 2008, p.154).

Dessa forma é notória a ligação do texto para com o gênero, já que ambos estão ligados a partir da intencionalidade comunicativa do falante. O usuário da língua tem uma necessidade social de interagir e isso só ocorre através da comunicação, que por sua vez se realiza através dos gêneros textuais, mesmo se muitas vezes o falante não tenha a consciência disso.

Para melhor entendermos o conceito de gênero, é importante considerá-lo como um elemento fundamental para socialização, inserido nas atividades discursivas dos falantes, ou seja, sempre que recorremos a alguma ação linguística de comunicação recorremos a um gênero. (Ibid., p.155) os define como:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Os gêneros são dinâmicos e variáveis por isso é impossível identificar todos, devido a não se ter uma lista fechada deles. A real importância que os professores

devem ter com relação aos gêneros textuais é explicar para os seus alunos como eles se constituem e circulam nas nossas atividades sociais. Para isso tanto professores como alunos devem ter a consciência de que os gêneros são grandes suportes para o ensino da língua materna, e só por meio deles podemos construir textos.

Segundo Marcuschi (Ibid., p.161), os gêneros são atividades discursivas na vida social, por isso a sua função é tão importante no nosso discurso que é considerado como exercício de poder, tanto na inserção, ação, como no controle comunicativo do nosso cotidiano.

Os gêneros estão adaptados às funções e práticas sociais, por isso são considerados como inserção, ação e controle, já que estão inseridos nas nossas atividades discursivas. Desse modo, tudo que produzimos para formular um discurso, seja ele falado ou escrito, só acontece por meio dos gêneros.

Há ainda quem se confunda entre os tipos textuais e os gêneros textuais. Os tipos textuais são contáveis por serem uma sequência de natureza linguística. Eles são identificados por: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. No caso dos gêneros textuais, esses são ilimitados, porque dado a sua plasticidade, surgem novos gêneros a cada dia de acordo com as necessidades do falante. Exemplos desses são: telefonema, carta, bilhete, bula, receita culinária, cardápio, lista de compras e outros que estão presentes em nossas práticas diárias. Mesmo, com toda essa diferença entre os tipos e os gêneros, ambos se relacionam na construção do texto.

Os gêneros textuais tem sido usado para organizar as nossas práticas do dia a dia, como diz Marcuschi:

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. (MARCUSCHI, 2002, p.19).

Nesta perspectiva, os gêneros são excessivamente usados, já que os mesmo são plásticos e maleáveis, ou seja, fáceis de serem moldados. Isso podemos constatar também nos gêneros utilizados através das novas tecnologias que vem se expandindo, produzindo uma explosão de novos gêneros, tanto na oralidade como na escrita. E cabe aos usuários identificarem os gêneros e suas tipologias textuais.

Segundo Marcuschi (2008, p.156) “não devemos imaginar que a distinção entre gênero e tipo textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da linguagem em situações comunicativas da vida diária.”

Se não tivermos conhecimento de ambos (tipos e gêneros) é impossível a construção de um texto comunicativo, ou seja, são distinguidos, mas não trabalham sós.

Desse modo as distinções das tipologias e dos gêneros se norteiam, sendo a primeira ação predominante no texto a identificação de sequências linguísticas, e os gêneros como padrões comunicativos e outros a depender da necessidade do usuário.

2.1 Gêneros Textuais: oralidade e escrita

Os gêneros de certa forma ainda não são identificados com facilidade, pois na maioria das vezes os falantes fazem uso deles, sem se dar conta. Com base neste contexto trabalhamos os gêneros em sala de aula, não obstante as grandes dificuldades.

Estes são vistos como um meio para aperfeiçoar a língua materna, dado a sua presença constante em nossas práticas, tanto oral como escrita. Por isso a nossa maior preocupação é que o aluno tenha o domínio de sua língua em uso.

Para Marcuschi (2008) a língua escrita é mais trabalhada em sala de aula, no entanto é através da oral que acontece o uso mais freqüente e isso podemos constatar nas situações do dia a dia dos falantes, que ao chegar á escola já fazem uso da língua. Já o desenvolvimento da escrita se dá de forma diferente, logo porque existe todo um processo de aquisição da escrita.

Desse modo, ambas devem ser trabalhadas com frequência, até porque uma depende da outra para que haja desenvolvimento textual e cognitivo. No entanto se um aluno não fala bem, logicamente ele não irá ter domínio na escrita ou vice-versa, por isso, para que o falante tenha domínio da língua materna é necessário que sejam trabalhadas atividades com os mais diversos gêneros que servem de ferramentas para o ensino da língua materna, sejam eles orais ou escritos.

Diante dos estudos feitos, podemos dizer que os gêneros textuais, são fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social, logo, estes contribuem na estabilidade comunicativa dos falantes, possibilitando aos mesmos que adaptem seus textos, de acordo com suas necessidades, e consigam participar discursivamente de maneira organizada em suas práticas diárias.

Segundo Marcuschi (2008, p.191),“A tentativa de observar os gêneros na relação F-E (Fala e Escrita) resultaria em uma visão antidicotômica ao sugerir que eles”.

Quadro 3 – Observação dos gêneros na relação F-E

1. São históricos e têm origem em práticas sociais.
2. São sociocomunicativos e revelam práticas.
3. Estabilizam determinadas rotinas de realização.
4. Tendem a ter uma forma característica.
5. Nem tudo neles pode ser definido sob o aspecto formal.
6. Sua funcionalidade lhes dá maleabilidade e definição.
7. São eventos com contrapartes tanto orais como escritas.

Fonte:Marcuschi (2008, p. 191).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)(1997) ressaltam que a língua falada e escrita não são opostas, e que ambas se relacionam no contexto dos gêneros. As duas constituem um papel de suma importância na formação comunicativa dos falantes.

Segundo Marcuschi (2008,p. 208) “a escrita não é uma representação gráfica da fala”. Muitos usuários da língua veem a escrita apenas como uma mera transposição da fala, ou seja, uma maneira do falante transpor sua oralidade, mas isso é considerado um grande equívoco porque ambas constituem uma relação, em seu papel comunicativo, mesmo se distintas em algumas atividades de linguagem.

Como podemos ver, no Quadro4 abaixo, temos alguns exemplos de gêneros orais e escritos, para se trabalhar tanto a prática de compreensão como a de produção de textos.

Quadro 4 – Gêneros Previstos para a Prática de Compreensão de Textos

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
LITERÁRIOS	Cordel Texto dramático	LITERÁRIOS	Conto Novela Romance Crônica Poema Texto dramático
DE IMPRENSA	Comentário radiofônico Entrevista Debate Depoimento	DE IMPRENSA	Notícia Editorial Artigo Reportagem Carta do leitor Entrevista
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Exposição Seminário Debate Palestra	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Verbete enciclopédico (nota / artigo) Relatório de experiências Didático (textos, enunciados de questões)
PUBLICIDADE	propaganda	PUBLICIDADE	Propaganda

Fonte: Marcuschi (2008, p. 210).

Neste quadro podemos perceber que alguns gêneros são diferenciados, mesmo quando são trabalhados os mesmos gêneros, como no caso da música escrita e cantada. Neste caso percebemos que há mudanças pelo fato de estarem em linguagens diferentes, oral- escrito.

Quadro 5 – Gêneros Previstos para a Prática de Produção de Textos

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
LITERÁRIOS		LITERÁRIOS	Conto Poema
DE IMPRENSA	Entrevista Debate Depoimento	DE IMPRENSA	Notícia Editorial Carta do leitor Entrevista
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Exposição Seminário Debate	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Relatório de experiências Esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia

Fonte: Marcuschi (2008, p. 210).

No quadro (5) apresentamos alguns gêneros para a prática de produção de textos, sendo visível um menor número comparado ao quadro 4 que se refere à prática de compreensão. Fica claro a situação atual dos usuários da língua que produzem menos, levando em consideração ao processo de compreensão, pois grande parte destes se preocupam apenas com a fala e a compreensão, deixando de lado o processo de produção da escrita. Isso não quer dizer que a escrita seja mais importante que a oralidade, já que ambas se complementam.

2.1.1 Gênero Canção

Em nossas práticas sociais, nos deparamos com os mais variados tipos de músicas, com melodias e rituais, ou seja, canções diferentes. Segundo Costa (2010, p.118) “(...) a canção é um gênero híbrido, de caráter intersemiótico, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia).” Ela é uma expressão de caráter oral, em que o falante exprime a sua intenção, através de uma letra que tenha um ritmo e melodia, passando assim a ser reconhecida como o gênero canção. Além disso, é considerada, segundo o autor, uma peça verbo- melódica breve, de veiculação vocal.

O gênero canção expõe a sociedade a sua realidade de uma forma mais suave, de modo que as pessoas se vejam e se encontrem nelas através de história mais resumidas que, quando adicionada a um ritmo, melodia, criam asas, sons e nos encantam. E dessa forma podemos dizer que a canção é um conjunto do texto verbal com a peça melódica.

Ainda segundo (Ibidem) a canção está inserida tanto na oralidade como na escrita, apresentando aspectos distintivos em diferentes graus, ou seja, uma canção passa por contornos de entonação durante sua transformação, para acentuar os ritmos, isto tudo com o objetivo de padronizar o ritmo e a melodia entre os usuários. Este eixo é de grande importância no quesito fala, logo se cada falante fala de modo diferente, na música com essa padronização relativa da vocalidade não irá acontecer o mesmo.

A intenção dessa padronização é criar uma mesma tonicidade quando os usuários da canção quiserem cantá-la, para que não fiquem perdidos e com melodias aleatórias, ou seja, deve haver um equilíbrio entre o canto e a fala para

que a canção se torne eficaz. Portanto, a voz na canção representa o corpo vivo, as nossas vivências, os dramas entre outros. A mesma, quando somada à melodia padronizada constitui o gênero canção.

Segundo Costa (2010, p.120), “Se, sem a voz, a melodia é mera estrutura, sem a voz que fala no canto, a voz aí é apenas mais um instrumento”. Dessa forma é visível a soma da voz à melodia, logo, com dito pelo autor, a voz separada do ritmo é “apenas mais um instrumento” esta por sua vez faz parte da comunicação dos usuários.

Há vários tipos de canções, estas por sua vez variam em suas estruturas musicais e melódicas, nas quais podemos destacar a canção popular que costuma distanciar-se do formalismo, colocando em suas partes um vocábulo mais distante do formal, com características eruditas. Também podemos citar a canção na escrita poética, que por sua vez recorre a uma entonação mais recitável, ou seja, a canção passa a usar características da poesia na criação da música, como a métrica, o sentido figurado, a rima, o tropicalismo e até mesmo os aspectos geométricos.

Enfim, o gênero canção faz parte do nosso dia a dia, em nossas datas comemorativas, na academia, em casa, na escola, etc. Na escola muitos professores fazem uso desse gênero canção, principalmente pelo fato de ser um gênero híbrido, texto e música, em que a partir do texto da música os professores podem trabalhar as teorias, a linguística textual e a análise discursiva como também a compreensão melódica, o ritmo e a produção.

2.1.2 Gênero Conto

O conto é conhecido desde os meados do século XV, e em 1575 foi publicado através do livro *Contos e Histórias de Proveitos e Eventos*, de autoria de Gonçalo Fernandes Trancoso. No entanto, a prática utilizada não era o conto em si, mas sim a prática da contação de história, utilizada na oralidade até hoje.

O gênero conto surgiu apenas em 1812, com os contos dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm. Daí então os gêneros foram aparecendo e proporcionando para os escritores, uma infinidade de textos construídos com os mais variados gêneros.

O Conto é uma narrativa curta, é por isso que se diferencia de alguns textos, e também pela sua estrutura, ou seja, tem um número limitado de personagens, não

havendo uma análise muito aprofundada do seu conteúdo, é falado de maneira breve entre os interlocutores, sem grandes problemas de enredo, tem apenas um clímax, em que a história atinge o auge tão esperado pelos leitores.

Em alguns contos o tempo e o espaço são elementos secundários, podendo até não existir, no entanto este se preocupa mais com o conteúdo narrativo e o estilo, o que seria considerado essencial para o seu conteúdo textual. Fiorussi afirma:

Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado [...]. (FIORUSSI, 2003,p.103).

O autor do conto se caracteriza por ser um texto riquíssimo em imaginação, informação, fantasias e outros, possibilitando que os leitores possam se apaixonar pelos textos que leem. Nesta perspectiva, a leitura do conto é considerada prazerosa, muito lida pelas pessoas, já que neste gênero, são utilizadas características que se preocupam em chamar a atenção, ou seja, apresentar conteúdos, como por exemplo, memórias do passado, aventuras e outros que despertem em seus leitores o gosto pela leitura.

Para a construção do gênero conto, são necessárias algumas fases, entre essas, a apresentação, evolução, clímax e desfecho. Durante a produção do texto deve ser evitado o uso de repetições.

Para ficar mais claro, veremos a Tabela 1, abaixo em que mostra a estrutura composicional do gênero conto. Em que apresenta características que servirão para a análise da retextualização dos alunos que será trabalhado nessa pesquisa.

Tabela 1 – Estrutura composicional do gênero conto

Enredo	Conflito	Climax	Personagem	Tempo	Espaço	Desfecho
A história propriamente dita, na qual os fatos são organizados de acordo com os acontecimentos.	Envolve o leitor com a história.	Momento culminante da narrativa.	Os seres reais ou imaginários participantes da história.	O momento em que tudo acontece.	O lugar onde se passam os fatos.	Solução dos fatos apresentados.

Fonte: Sarmiento e Tufano (2004, P.37).

O corpo do gênero conto deve estar preocupado em apresentar uma história fantástica, esperada pelo público alvo, sem preocupação em explicar as fantasias adicionadas à história. Esse foi um dos motivos para que o gênero conto tivesse ganhado muita repercussão, e fosse considerado de grande importância para se trabalhar em sala de aula, já que ele oferece ótimas condições para desenvolver a produção textual.

Apesar de o gênero conto ser de grande utilidade para o aperfeiçoamento da língua materna, ainda é de difícil conceituação. Segundo Cortazár(2006, p. 149) “[...]tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado pra si mesmo, caracol da linguagem.”

Fica claro que o gênero conto, durante o percorrer de sua composição textual captura apenas o mais significativo, tornando-se assim relato de uma história breve, suficiente para encantar o leitor, por isso é possível utilizar a contação de histórias como uma estrutura metodológica do gênero conto.

2.1.2.1 A Contação de História

A narração de história já existe antes mesmo da escrita, em que as pessoas com o uso da fala, se comunicavam oralmente. Era dessa forma que contavam suas histórias em rodas de conversas, lembrando suas memórias, falando sobre os seus sonhos, e também sobre as histórias bizarras que os mais velhos contavam.

A contação de histórias é uma das práticas mais antigas que está atrelada ao convívio humano. Na antiguidade, ela expressava e materializava o mundo em sua simbologia através de palavras, gestos realizados para um conjunto de ouvintes da

família. Por isso, o contador de história é de grande importância social e cultural para compartilhar as histórias de seu povo.

O ato de contar histórias entre os interlocutores proporciona uma relação de troca, possibilitando aos leitores o conhecimento de múltiplas histórias que trazem à tona toda a bagagem cultural, social dos contadores. Como bem ressalta Busatto (2003, p.10) “Contar histórias é uma arte porque traz significações, ao propor um diálogo entre diferentes dimensões do ser”

A contação de história vem repercutindo até os dias de hoje, principalmente por ser uma prática metodológica do gênero conto. Essa tem a característica de ser considerada menos rígida, ou seja, a sua estrutura, aceita por parte dos contadores, múltiplos estilos de histórias, memórias, tornando mais fácil a sua construção.

Na escola, as séries iniciais costumam trabalhar com a contação de histórias, pois, esta deixa os alunos à vontade para expor suas memórias e conhecimentos prévios, facilitando assim o processo de aquisição da linguagem da criança.

Neste ponto de vista, fica claro, a grande importância da contação de história, como prática educativa, que além de facilitar o desenvolvimento da linguagem, ao desenvolver a cognição da criança, proporciona o prazer pela leitura.

CAPÍTULO III - UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA ATRAVÉS DA RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO CANÇÃO PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Perante as múltiplas dificuldades identificadas na nossa experiência como bolsista do PIBID da UFCG/CFP, constatamos que a produção escrita é um problema que a grande maioria do alunado possui. Nesta perspectiva, pensamos em oferecer uma proposta metodológica, que pode dar uma contribuição valiosa aos alunos, através da retextualização, na perspectiva de Marcuschi (2010) do gênero textual canção para o gênero conto, através da contação de histórias como atividade metodológica.

Nesta atividade seguiremos as diretrizes apresentadas pelo autor para o processo de editoração do texto, que se dá pela representação sonora (texto base), seguida da compreensão do texto e das adaptações que serão realizadas. Como resultado deste processo teremos assim um texto transcodificado, que já é um primeiro passo para a retextualização.

Em seguida passamos a realizar as adaptações necessárias de correção linguística do texto, como por exemplo: concordância, reordenação sintática, encadeamentos, composição do gênero, etc. Levando em consideração a norma padrão da escrita da Língua Portuguesa.

A atividade consta de uma unidade composta por três momentos, com duração total de seis hora/aulas, a serem desenvolvidas numa turma do 6º ano do Ensino Fundamental.

UNIDADE 1 – Gêneros canção e conto e o processo de retextualização

Nesta unidade desenvolveremos as competências de leitura, compreensão de texto e exporemos a estrutura composicional dos gêneros textuais canção e conto.

Nestes momentos serão apresentados os dois exemplos de gêneros que servirão de modelo para trabalharmos o processo de retextualização durante o percurso das atividades. O gênero canção é o Texto 1, considerado texto base, na modalidade oral, representada através da música de Pinóquio, já o segundo texto é o gênero conto que, representa o texto retextualizado.

Durante a apresentação dos gêneros devemos mostrar, aos alunos, de maneira detalhada sua forma composicional e as características que cada um necessita para a sua construção.

O gênero canção (texto base) por sua vez, é de modalidade oral, e deve ser apresentado em sua composição original de modo que seja reconhecido e identificado durante a análise do gênero. Já o gênero conto é de modalidade escrita, o mesmo pode ser exposto através do papel impresso, para facilitar a leitura e o trabalho de identificação do gênero por parte de cada aluno, podendo assim trabalhar sua composição e suas características.

Após conhecerem os dois gêneros que serão trabalhados durante o percorrer dessas seis aulas, que se desenvolverão em três momentos dessa unidade, partiremos para o estudo e compreensão do processo de retextualização segundo Marcuschi (2010).

O processo de editoração apresentado à turma terá como modelo o texto retextualizado, que será realizado através do gênero canção (Pinóquio), para o conto (Pinóquio). Tendo em vista o aprimoramento dos conhecimentos prévios do aluno durante os estudos sobre a retextualização. Este será discorrido com mais detalhes no segundo momento.

Para avaliação da aprendizagem propomos uma atividade metodológica a turma, de modo que eles poderão construir novos textos a partir de um texto base, disponibilizado no percorrer desta atividade.

O gênero base trabalhado na proposta será a canção (Borboletinha), uma canção muito conhecida pelas crianças, e que por sua vez remete um a um contexto histórico que facilitará o processo de retextualização para uma prática metodológica do gênero conto que é a contação de histórias.

A contação de história que será o texto final, retextualizado. remete a um texto que dispõe das mais variadas histórias desde o antepassados até os dias de hoje, deixando os usuários à vontade para expor seus personagens, fantasias e memórias com relação ao contexto escolhido.

Estes estudos ficarão mais claros nos momentos que serão discorridos nesta unidade, que veremos a seguir.

I MOMENTO:

Neste primeiro momento, apresentamos o exemplo do gênero canção, representado pela música de Pinóquio no quadro 6 e, em seguida identificamos a temática tratada no texto oral a ser discutida com os alunos.

Quadro 6 – Texto 1: Gênero Canção

PINÓQUIO

Gepeto inventou com madeira e amor
O seu sonho maior era ser um menino
Pedi pra fadinha azul

Pinóquio, Pinóquio para ser um menino, precisa seguir o caminho do bem
Ir sempre à escola e dizer a verdade
Mentir não é bom pra ninguém
Porém o boneco, logo se esqueceu de todos conselhos que o grilo lhe deu
Fugiu do teatro pra ganhar uns trocados

Na ilha dos prazeres ficou bem emburrado
Mentiu pra o seu pai e quando percebeu o seu nariz cresceu, cresceu, cresceu eu
eu...

Pinóquio, Pinóquio para ser um menino, precisa seguir o caminho do bem
Ir sempre à escola e dizer a verdade
Mentir não é bom pra ninguém

Chorou se arrependeu de todos os erros que fez
Queria encontrar o seu painho de novo, saiu a procurar lá no mar
Corajoso, seu pai da baleia salvou

Pinóquio, Pinóquio para ser um menino, precisa seguir o caminho do bem
Ir sempre à escola e dizer a verdade
Mentir não é bom pra ninguém

Pinóquio nos braços de Gepeto acordou
Olhou pra si mesmo, surpreso ficou
Não era um boneco, mas sim um menino
Tão vivo, tão gente, tão bom

Pinóquio, Pinóquio para ser um menino, precisa seguir o caminho do bem
Ir sempre à escola e dizer a verdade
Mentir não é bom pra ninguém

Fonte: Site: www.youtube.pinoquio.

De início devemos exibir, por meio de um aparelho de som, a canção do Pinóquio de modo que possa possibilitar aos alunos, o conhecimento dos aspectos comunicativos do texto, alertando-os para a importância do sentido do texto original.

Os alunos devem conhecer o nosso texto base no mais íntimo que puder, para que ele possa captar o que o autor quis dizer .

Para ter certeza da compreensão do texto base, por parte dos discentes, elaboramos um questionário com os principais pontos do texto a serem tratados na sala de aula.

O questionário abaixo no Quadro 7 serve como apoio para a interpretação do texto oral que é gênero canção, o texto base.

Quadro 7 – Questionário utilizado como apoio para a interpretação do texto oral: Gênero canção.

Atividade de interpretação textual
Canção do Pinóquio
1- Com o quê Gepeto construiu o Pinóquio?
2- Qual era o sonho do Pinóquio?
3- Quais eram os conselhos que a fada dava para que Pinóquio pudesse virar um menino de verdade?
4- O Pinóquio se esqueceu dos conselhos do grilo, e sofreu algumas consequências. Cite-as?
5- Gepeto estava em perigo? O que o Pinóquio fez?
6- O que aconteceu depois de Pinóquio ter se arrependido e salvado o pai?
7- Qual a mensagem que o texto oferece?

Fonte: Joseany Vieira de Araújo

Depois de respondida estas questões, partimos para as discussões compartilhadas. Logo depois apresentaremos a composição do gênero canção, que se caracteriza por ser um texto breve, de caráter híbrido, intersemiótico e rico de ritmos e melodias através da veiculação vocal.

II MOMENTO:

Nessa etapa retomamos a temática discutida do gênero canção, através da música de Pinóquio. Em seguida leremos o texto retextualizado no quadro 8 (texto 2) representado através do gênero conto.

Quadro 8 – Texto 2: Gênero Conto.



PINÓQUIO

ERA UMA VEZ um homem chamado Gepeto que fazia lindos bonecos de madeira. Vivia sozinho e o seu sonho era ter um filho com quem partilhar todo o seu amor e carinho.

Um dia, Gepeto fez um pequeno rapaz de madeira. Quando terminou, Gepeto suspirou: “Quem me dera que este rapazinho de madeira fosse real e pudesse viver aqui comigo...”.

De repente, aconteceu! O pequeno rapaz de madeira ganhou vida! Gepeto gritou de alegria e, entre gargalhadas de felicidade, disse: “Sejas Bem vindo! Vou chamar-te Pinóquio”.

Gepeto ajudou Pinóquio a vestir-se, deu-lhe alguns livros, um beijo na face e mandou-o para a escola, para aprender a ler e escrever. Mas avisou-o: “Assim que a escola terminar, vem para casa Pinóquio”. Pinóquio respondeu que sim e, alegremente, foi caminhando em direção à escola.



Pelo caminho, Pinóquio reparou que na praça havia um espetáculo de marionetes. Juntou-se a elas e, dançou tão bem, que o dono das marionetes lhe ofereceu cinco moedas de ouro. Pinóquio estava maravilhado e só pensava como Gepeto iria ficar feliz quando lhe entregasse as moedas.

Já perto da escola, Pinóquio encontrou dois homens maus. Como era muito ingénuo, os dois homens convenceram Pinóquio a ir com eles até uma hospedaria para comerem e depois dormirem. Depois de comer, Pinóquio ficou sonolento e adormeceu facilmente. Sonhou que era rico e que ele e seu pai Gepeto viviam agora sem dificuldades e eram muito felizes. Quando acordou, esses homens convenceram Pinóquio a enterrar as suas moedas de ouro num sítio que eles conheciam e disseram-lhe: “As moedas aqui enterradas transformar-se-ão numa árvore de dinheiro e nunca mais o teu pai, que já está velho e cansado, precisará de trabalhar!”.

Pinóquio assim fez e ficou à espera que as moedas de ouro se transformassem numa árvore de dinheiro. Esperou muito tempo até que,

cansado, adormeceu. Os homens maus apareceram e levaram as moedas de ouro, enquanto Pinóquio dormia.

Quando acordou, Pinóquio viu que lhe tinham levado as moedas e chorou. Não queria voltar para casa com medo de que Gepeto ficasse zangado e triste com ele...



Sem saber o que fazer, Pinóquio começou a caminhar, até que encontrou uma senhora vestida de azul, a quem pediu ajuda.

O que ele não sabia era que a senhora era a fada azul. A fada disse que o ajudaria e perguntou-lhe quem eram os seus pais e onde vivia. Ao que Pinóquio respondeu: “Não tenho casa nem ninguém com quem morar”. A fada azul apercebeu-se que Pinóquio mentia e o seu nariz começou a crescer!

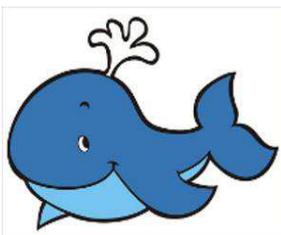
A fada azul respondeu-lhe: “Volta para casa, para junto do teu pai. Seja um menino bem comportado e não minta mais”. Pinóquio prometeu que assim faria e o seu nariz voltou ao tamanho normal.

De volta a casa, Pinóquio parou em um parque de diversões e o seu nariz começou a crescer outra vez. No parque, disseram-lhe que poderia comer todos os gelados que ele quisesse... o que não lhe disseram é que os gelados o iriam transformar num burro!

Pinóquio comeu até não poder mais e, assim que se transformou num burro, foi vendido a um circo.

No circo foi obrigado a trabalhar duramente e foi tão maltratado que, pouco tempo depois, nem conseguia andar.

Como já não servia para trabalhar no circo, o dono mandou que o atirassem ao mar. Assim que caiu no mar, transformou-se novamente num rapaz de madeira.



Uma baleia que por ali passava viu Pinóquio e engoliu-o, pensando que era comida. Dentro da baleia, qual não foi a surpresa de Pinóquio ao encontrar Gepeto! Este tinha ido procurar Pinóquio e acabou por ir parar à barriga da baleia. Estava muito fraco e doente e, um peixe que também lá se encontrava disse: “Subam os dois para as minhas costas que eu levo-os para

casa!”.



Assim fizeram e, quando chegaram a casa, Pinóquio tomou muito bem conta de Gepeto até ele ficar bom.

A fada azul apareceu outra vez e, ao ver que Pinóquio tinha sido tão bom com Gepeto, disse: “Como agora és um bom menino vou-te transformar num rapaz de verdade”.

E assim foi. Gepeto tinha finalmente o filho que tanto desejava e os dois foram felizes para sempre!

Fonte: Site: www.bebeatual.com/historias-pinoquio102

Neste momento discutiremos com os alunos, o processo de retextualização, buscando identificar o que foi acrescentado e retirado do texto base, mostrando como acontece o processo de editoração para se chegar ao texto retextualizado.

Aqui aproveitaremos para estimular o desenvolvimento da cognição e dos conhecimentos prévios, que o aluno traz de sua experiência, para acrescentar ao conteúdo do texto outras informações.

Logo após dessa atividade, apresentamos a composição do gênero conto que se caracteriza como narrativa linear curta, linguagem direta, poucos personagens, presença de um enredo, narrador e clímax.

Para Marcuschi (2010), neste momento deveremos mostrar as adaptações realizadas do texto base para o texto retextualizado:

Quadro 9 – Exemplo do Texto base

Pinóquio, Pinóquio para ser um menino, precisa seguir o caminho do bem
 Ir sempre à escola e dizer a verdade
 Mentir não é bom pra ninguém

Refrão (texto base)

Fonte: Site: www.youtube.pinoquio.

A partir do exemplo retirado da canção, podemos fazer uma editoração mais rápida para o processo de retextualização.

Durante o fluxo dessas ações, devemos chamar a atenção dos alunos para o gênero retextualizado, que é diferente do texto base, possibilitando uma mudança na estrutura do texto.

De início devemos transcrever a canção (oral) para a escrita, logo após devemos mostrar para os alunos que o processo de editoração já se inicia durante a passagem do sonoro para o grafema. E que durante a construção do conto, algumas alterações são necessárias, como por exemplo, o refrão da música citada acima no quadro 9, há algumas repetições, mas que durante o processo de editoração serão eliminadas, e colocadas de acordo com as características do conto. Um exemplo é o caso do refrão da música que ganha uma personagem (fada), quando retextualizada para o gênero conto, já que esta é uma de suas características.

Feito este processo de editoração teremos assim o texto retextualizado como podemos ver no exemplo do Quadro 10 abaixo:

Quadro 10 – Exemplo de Texto retextualizado

A fada azul respondeu-lhe: Volta para casa, para junto do teu pai. Seja um menino bem comportado e não minta mais.

Fala da fada (texto retextualizado)

Fonte: Site: www.bebeatual.com/historias-pinoquio102

Como podemos constatar no exemplo, o sentido original do texto não foi modificado, no entanto possibilitou ao aluno comunicar a mensagem conforme a necessidade comunicativa do usuário, que nesse caso é o conto.

Para a realização deste processo, é importante que nós mediadores, conheçamos o texto em profundidade para acompanhar e captar o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

III MOMENTO:

Para comprovarmos se os alunos compreenderam o processo de retextualizar um texto base em outro texto, apresentaremos à turma do 6º ano do Ensino

Fundamental, uma proposta de retextualização, a ser realizado em dupla, possibilitando a eles uma maior interação com relação à troca de informações, o que enriquece a produção do texto final.

De início mostraremos um modelo de gênero canção, na modalidade oral, para ser trabalhado com todos os alunos, enfatizando a composição deste gênero.

No quadro 11 abaixo, podemos ver a canção da borboletinha que servirá de texto base para os alunos.

Quadro 11 –Gênero canção

<p>Canção da borboletinha (Tidinha)</p> <p>BORBOLETINHA TÁ NA COZINHA FAZENDO CHOCOLATE PARA A MADRINHA O TICO TICO PERNA DE PAU OLHO DE VIDRO NARIZ DE PICA PAU PAU PAU</p> <p>EU CONHECI UMA BORBOLETINHA QUE ADORAVA FAZER CHOCOLATE PRA MADRINHA BALANÇAVA PRA LÁ BALANÇAVA PRA CÁ BALANÇAVA BALANÇAVA SEM PARAR BALANÇAVA PRA LÁ BALANÇAVA PRA CÁ BALANÇAVA BALANÇAVA SEM PARAR</p> <p>BORBOLETINHA TÁ NA COZINHA FAZENDO CHOCOLATE PARA A MADRINHA POTI POTI PERNA DE PAU OLHO DE VIDRO NARIZ DE PICA PAU PAU PAU</p> <p>SUA MADRINHA SE CHAMAVA POTI TINHA OLHO DE VIDRO PERNA DE PAU E NARIZ DE PICAPAU E ADORAVA DANÇAR COM UMA PERNA SÓ - SERÁ QUE ELA ERA UM PIRATA? - SEI LÁ! MAS O QUE VALE É DANÇAR</p> <p>BALANÇAVA PRA LÁ BALANÇAVA PRA CÁ BALANÇAVA BALANÇAVA SEM PARAR BALANÇAVA PRA LÁ BALANÇAVA PRA CÁ BALANÇAVA BALANÇAVA SEM PARAR</p> <p>BORBOLETINHA TÁ NA COZINHA FAZENDO CHOCOLATE PARA A MADRINHA POTI POTI PERNA DE PAU OLHO DE VIDRO NARIZ DE PICA PAU PAU PAU</p>
--

Fonte: <https://www.vagalume.com.br/tidinha/borboletinha.html>

De início ouviremos a canção da “borboletinha”, que servirá de texto base, seguida de uma roda de conversa, de modo que os alunos possam interagir e compartilhar os pontos relevantes que compreenderam em relação ao sentido do texto.

Em seguida, solicitaremos à turma uma atividade em dupla, com o gênero canção (oral) para a contação de história (escrita). Esta atividade consta de uma retextualização do gênero canção da “borboletinha” para uma contação de histórias que é uma prática metodológica do gênero conto.

A escolha pela contação de história vem com a intenção de resgatar as experiências que cada discente traz para a sala de aula, recuperando assim a sua memória, valores, cultura, crenças, etc, vividas no seu meio familiar e social, para assim dialogar com os novos conhecimentos, que neste caso seria o acréscimo ou redução de informações na construção de um novo texto.

Em outra aula deve ser feita a correção linguística da escrita dos textos, interpretativa e também do processo de retextualização, para que assim os alunos possam chegar ao texto final esperado.

A culminância será realizada com a apresentação das contações de história, dos textos retextualizados, promovendo uma maior interação por parte da turma e promovendo assim um maior aperfeiçoamento de seus conhecimentos, como sujeitos participativos de um processo ensino aprendizagem.

Por fim, deve ser feita a avaliação dos textos produzidos e devolvidos aos alunos com as observações necessárias, de modo que contribuam para a melhoria da produção textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho, pudemos constatar a importância do estudo voltado para a linguística textual, de modo que tanto a escrita como a oralidade, são consideradas de fundamental importância nas práticas comunicativas do dia a dia de seus usuários. A linguística textual investiga a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão do texto.

Pudemos constatar que a oralidade e a escrita se distinguem, no entanto uma não é mais importante que a outra, ao contrário, elas se complementam. Cada uma possui suas especificidades, que os usuários da língua necessitam para se comunicarem, ou seja, para produzirem textos.

E é no texto que os gêneros textuais tem ganhado espaço, já que ambos estão ligados a partir da intencionalidade comunicativa do falante. O mesmo necessita interagir na sociedade que está inserido, e isto só é possível por meio dos gêneros textuais, utilizados em nossas práticas diárias, mesmo se temos ou não consciência disso. Portanto, o estudo do gênero textual não pode ficar fora da prática escolar, por isso a importância de encontrarmos novas práticas metodológicas para trabalhar com gênero em sala de aula.

Nesta perspectiva, optamos em compreender o processo de retextualização apresentado por Marcuschi (2010), ao reconhecer a sua importância para o desenvolvimento da produção textual, problema que nós detectamos na experiência realizada como alunos do PIBID.

Para isso, escolhemos os gêneros, canção e conto, durante o percurso deste trabalho, como suporte metodológico a ser desenvolvido no processo de retextualização, do oral para o escrito, a partir da editoração do gênero canção que é o texto base, para o gênero conto, através da contação de histórias, que neste caso seria o texto retextualizado. O propósito foi de instruir os alunos para a construção de novos gêneros textuais a partir de um texto base, e também possibilitar aos mesmos, durante as suas produções, de realizarem correções lingüísticas necessárias, mas também de trazerem as suas experiências para acrescerem o novo texto.

A proposta de intervenção, aqui apresentada é a retextualização do gênero canção (borboletinha) para a contação de história, a ser trabalhada com alunos do 6º

ano do Ensino Fundamental. Esta, por sua vez, não foi aplicada, no entanto nos permitiu penetrar na essência do processo de retextualização, possibilitando-nos desenvolver uma prática metodológica que pode trazer resultados positivos para os alunos, com relação ao uso do gênero na oralidade, escrita e na produção de textos, formando assim sujeitos com habilidades comunicativas, de modo que venham a interagir na sociedade.

Por fim pudemos constatar que os estudos realizados sobre o processo de retextualização, como aporte para construção de novos textos, será de grande relevância para o nosso trabalho como professor de língua portuguesa em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. Noções preliminares sobre o texto e suas propriedades. In: _____. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Cap.2, p. 29-44.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** :introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

CORTÁZAR, J. **Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores.** In Valise de cronópio.Trad. ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi; BARBOSA, João Alexandre. São Paulo: Perpectiva, 2006.

COSTA, B.C. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Cap.8, p.117-132.

FÁVERO, L.L.; KOCH, I.G.V. **Linguística textual:** uma introdução. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FIORUSSI, A. In: Antônio de Alcântara Machado et al. **De conto em conto.** São Paulo: Ática, 2003.

KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

KOCH, I.G.V. **O Texto e a construção de sentidos.** 10. ed. São Paulo: Contexto,2013.

KOCH, I.G.V. Princípios de construção textual do sentido. In: _____. **Introdução a linguística textual:** trajetória e grandes temas.São Paulo: Martins Fontes, 2004. cap.4, p.35-47.

MARCUSCHI, L.A; DIONISIO, A.P. **Fala e escrita** 1. ed. Belo Horizonte, 1. reimp. — : Autêntica, 2007.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucema, 2002. cap. 1,p.19-38.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo:Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para escrita:** atividades de retextualização. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Linguística de texto: o que é e como se faz?.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Disponível em:>Site: Bebeatual.com/historias-pinoquio102. >Acesso em 02 de fev. 2017

Disponível em:>Site: www.youtube.pinoquio. >Acesso em 02 de fev. 2017

Disponível em:>Fonte:

<https://www.vagalume.com.br/tidinha/borboletinha.html>.>Acesso em 10 de març. 2017